

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS POSSÍVEIS EM EAD

Possible educational strategies in DL

Silvia Trentini Machado¹
Sônia Maria de Souza Bonelli²

Resumo: A EAD no Brasil data mais de cem anos e passou por diversas mídias massivas, do desafio da evasão dos alunos que estudam à distância e do papel do tutor como mediador e facilitador do processo de ensino e aprendizagem, além de motivador dos estudantes. Esta pesquisa objetiva apresentar algumas estratégias pedagógicas possíveis de serem trabalhadas, que vão além do proposto pelas instituições para os encontros presenciais, visam a maior interatividade entre os sujeitos da EAD, oportunizam uma aprendizagem colaborativa através da coautoria dos alunos e estimulam a pesquisa e o autoestudo, sendo que todas utilizam as TICs para tanto. Além de apresentar tais estratégias, pretende-se que o presente trabalho sirva de suporte para os sujeitos interessados em efetivar, na sua prática, planejamentos diferenciados em EAD. Este artigo apresenta uma pesquisa de cunho qualitativo com abordagem bibliográfica baseando-se, principalmente, em obras literárias acerca da Educação a Distância e, como via secundária, em trabalhos publicados disponíveis em fontes eletrônicas.

Palavras-chave: Educação a Distância. Estratégias Pedagógicas. TICs.

Abstract: About Distance Education history in Brazil dating back more than a hundred years and has gone through several mass medias, the challenge of avoiding students to quit studying the distance education and the tutor's role as a mediator and facilitator of the process of teaching and learning, as well as motivating the students, this research aims to point some possible teaching strategies that may be applied besides the ones proposed by institutions to classroom lessons, they objective a better interaction among the subjects of distance education, promoting a collaborative learning through co-authorship of students, stimulating research and self-study, all of them use ICTs for it. In addition to presenting these strategies, it is intended that this work will serve as a support for individuals interested in implementing, in their practice, differentiated planning in distance education. This article presents a qualitative research with bibliographic approach based mainly on literary works about the Distance Education and, as a secondary resource, in published works available on online sources.

Keywords: Distance education. Pedagogical strategies. ICT (Information and Communication Technology).

Introdução

A educação a distância trata-se de um instrumento valioso de promoção de oportunidades, visto que por meio dela muitos podem concluir ou realizar cursos de Ensino Superior e obter qualificação não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida. Como toda modalidade de ensino possui especificidades metodológicas, o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, estabelece, em seu artigo primeiro, que a educação a distância é uma “modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (BRASIL, 2005, s. p.).

Na EAD existe uma dinâmica pré-programada para os encontros presenciais, a fim de contemplar, principalmente, as avaliações das disciplinas presentes na ementa do curso e, fora esses encontros, toda a interação acontece por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Como na maior parte do tempo não há contato presencial entre professores/tutores e alunos, cabe ao estudante assumir um papel autônomo em seu estudo, podendo adequá-lo

¹Tutora externa no Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

²Profª. Dra. na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

à sua rotina de forma flexível, autorregulando os horários e locais onde irá realizá-lo. Este é um dos motivos da grande procura pela EAD: a flexibilidade que ela propõe.

Mesmo contando com essa flexibilidade e atraindo cada vez mais alunos, a educação a distância também apresenta alguns desafios. Atualmente, o maior deles, apontado pelo Censo EAD realizado pela Associação Brasileira de Educação a Distância, é a grande taxa de evasão dos alunos (ABED, 2014).

Diante desse contexto, o presente trabalho objetiva propor algumas estratégias pedagógicas e metodológicas possíveis de serem trabalhadas em EAD que se utilizam das TICs, pretendem ir além do cronograma preestabelecido e fixo dos encontros presenciais e visam a manter o aluno que estuda à distância motivado, além de ajudá-lo a se tornar disciplinado em seu autoestudo.

Inicialmente será abordado um pouco sobre a ferramenta *blog* e como ela pode ser utilizada como espaço de acesso à informação especializada, disponibilização de informação por parte do professor, portfólio digital, intercâmbio e colaboração entre turmas, debate e integração. Posteriormente ao *blog*, o trabalho trata das funcionalidades das redes sociais e como estas podem ser utilizadas com fins educacionais, tendo como exemplo o Facebook e sua função grupos. Após sugerir algumas abordagens que podem ser realizadas pelo tutor através das redes sociais, o trabalho traz o conceito de aprendizagem colaborativa e como esta pode ser efetivada através das ferramentas do Google Drive: apresentação, documento, planilha e formulário. Ainda na mesma seção, apresentam-se algumas possibilidades de trabalhos com vídeos e algumas funcionalidades úteis do domínio Youtube.

Estratégias pedagógicas possíveis em EAD

Considerando a distância física e/ou temporal que existe na modalidade de ensino a distância, em que a mediação na maior parte do tempo é feita através das TICs, surge a figura do tutor, que segundo os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância:

[...] deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas à distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico (BRASIL, 2007, p. 21).

Sendo assim, “a tutoria na EAD tem a característica de orientar os trabalhos acadêmicos, conduzindo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, instigando-os à busca de conhecimentos, despertando neles o sabor pelo saber de forma a manter o aluno em constante aprendizagem” (SILVEIRA, 2014, p. 4).

Entende-se, portanto, que cabe à tutoria estar constantemente motivando os alunos, sugerindo atividades que criem hábitos de estudo, incentivando a autoconfiança, independência na tomada de decisões e iniciativa para que eles possam organizar sua aprendizagem (BEZERRA; CARVALHO, 2011). Sobre o livro sala de aula interativa:

O professor pode modificar a tradição do falar/ditar disponibilizando múltiplas aberturas (abrir ‘janelas’) à participação-intervenção dos alunos; disponibilizando múltiplas aberturas à bidirecionalidade (rompendo assim com o espaço de transmissão unidirecional), viabilizando a coautoria e a comunicação [...] (SILVA, 2006, p. 23 apud MATTAR, 2010, p. 114).

Aqui se considera a coautoria como “a ação de colaboração dos diferentes atores do processo de aprendizagem” (APARICI; ACEDO, 2010, p. 137). Nessa perspectiva pedagógica, “o

aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se coautor” (SILVA, 2001, p. 9).

Visando à abertura de ‘janelas’ na EAD, propõe-se algumas estratégias pedagógicas que proporcionem o que se “supõe [por] interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores [e coautores] envolvidos” (SILVA, 2001, p. 15).

Blogs

Um *blog*, segundo Gomes (2005, p. 311), “é a abreviatura do termo original da língua inglesa ‘*weblog*’”.

Na sua origem e na sua acepção mais geral, um *weblog* é uma página na *web* que se pressupõe ser atualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam “*posts*” – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo *links* para *sites* de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar (GOMES, 2005, p. 311).

Os *sites* de hospedagem, gestão e criação de *blogs*, em sua maioria são gratuitos, fazendo com que a ferramenta tenha se popularizado rapidamente. É possível encontrar *blogs* na internet sobre os mais variados temas, com objetivos e de naturezas diversas, como informativos, científicos, políticos, de entretenimento etc. (GOMES, 2005).

A crescente visibilidade que os *blogs* estão ganhando em meio à internet tem chamado a atenção para estudos relacionados à sua utilização como estratégia e recurso pedagógico. Para Gomes (2005), como recurso pedagógico, os *blogs* podem ser um espaço de acesso à informação especializada ou um espaço de disponibilização de informação por parte do professor. Já enquanto estratégias pedagógicas, podem assumir a forma de um portfólio digital, um espaço de intercâmbio e colaboração, um espaço de debate ou um espaço de integração.

Os *blogs* como espaço de acesso à informação especializada

Os *blogs* como espaço de acesso à informação especializada estão relacionados com o acesso, por parte dos alunos, de *blogs* sobre temáticas relevantes para o curso ou disciplina. Levando em conta que “o professor, antes de indicar e sugerir aos seus alunos a consulta de determinado *blog*, deve avaliar o rigor do seu conteúdo e da sua adequabilidade” (GOMES, 2005, p. 313).

Trata-se de disponibilizar aos alunos uma lista de *blogs*, previamente selecionados, a fim de que possam não apenas obter informações, mas interagir com os autores do *blog* através de *e-mail* ou comentários nas postagens (GOMES, 2005).

Os *blogs* como espaço de disponibilização de informação por parte do professor

Para Gomes (2005, p. 313), “neste tipo de abordagem, é o próprio professor que cria e dinamiza um *blog* em que disponibiliza informações que considera de interesse para os seus alunos”. Corroborando com Gomes (2005), uma das vantagens desta prática é não só a de disponibilizar aos alunos mais uma fonte de informação para utilizar nas suas pesquisas, mas

incentivá-los a uma prática de estudo autônoma e continuada em momentos fora dos encontros presenciais.

Os blogs como portfólio digital

Portfólio é uma coletânea das evidências que documentam o desenvolvimento, as competências e as habilidades do indivíduo (WATERMAN, 1991 apud ALVARENGA; ARAUJO, 2006). De acordo com Gomes (2005, p. 313), “uma das utilizações mais frequentes dos *blogs* no domínio educativo, particularmente ao nível do Ensino Superior, é a sua exploração como forma de construção de um portfólio digital”.

No contexto da educação a distância, o desenvolvimento de portfólios ao longo de um curso ou disciplina apresenta vantagens importantes, como sejam o permitir que o professor faça um acompanhamento contínuo do trabalho do aluno, proporcionando-lhe *feedback* atempado relativamente às suas aprendizagens e produções, mas também obtendo informação que pode, eventualmente, levar o próprio professor a proceder aos reajustes no nível dos conteúdos ou das estratégias do curso, caso se revele necessário (GOMES, 2010, p. 329).

Um portfólio digital feito através de um *blog* constitui-se numa forma de organizar através desse espaço textos, atividades, reflexões, comentários e registros coletados e/ou realizados durante as aulas. Torna-se, então, além de um recurso de interação, uma ferramenta capaz de promover o acompanhamento e reflexão sobre as atividades desenvolvidas tanto pelo tutor quanto pelos alunos (GOMES, 2005).

Os blogs como espaço de intercâmbio e colaboração entre turmas

Utilizar os *blogs* como espaço de intercâmbio entre turmas, sejam da mesma instituição e/ou curso ou não, mas que estejam realizando um tema ou disciplina em comum, oportuniza diversos tipos de interações entre alunos de realidades diferentes. É um espaço virtual rico que possibilita encontro, convívio e socialização de experiências. Um trabalho que desenvolva esse tipo de intercâmbio pode ser feito entre tutores da mesma instituição e/ou instituições diferentes através de um projeto colaborativo (GOMES, 2005).

Os blogs como espaço de debate

Utilizar os *blogs* como espaço de debate, então, tem grande potencial educativo, não só pela necessidade de desenvolver competências de pesquisa de informação e de domínio da comunicação escrita, mas também por poder contribuir para o desenvolvimento de um espírito de maior tolerância e abertura a pontos de vista diferentes.

Outra possível utilização dos *blogs* é como espaço de desenvolvimento de debates prolongados adotando o espírito da estratégia de *role-playing* (desempenho de papéis). Aqui a ideia é organizar entre os diferentes grupos de uma turma, ou entre diferentes turmas [...] um debate sobre uma determinada temática em que cada grupo [...] terá de participar no debate procurando apresentar os seus argumentos do ponto de vista da personagem ou entidade que foi chamado a representar (GOMES, 2005, p. 314).

Essa estratégia pedagógica pode ser trabalhada em consonância com a utilização dos *blogs* como espaço de intercâmbio e colaboração, conforme detalhado anteriormente.

Os *blogs* como espaço de integração

Os *blogs* como espaço de integração surgem numa perspectiva de trabalho coletivo e colaborativo, o que nos remete ao conceito de coautoria abordado anteriormente. “Nesse processo, o professor deixa o seu papel para ser mediador e ser um coautor do processo, como os outros participantes” (BATISTA, 2008, p. 103-104 apud APARICI; ACEDO, 2010, p. 142).

Essa estratégia visa a convidar os alunos a construir coletivamente um *blog* em que todos são chamados a colaborar apresentando as suas perspectivas, experiências e realidades, tendo que dividir funções, estabelecer responsabilidades e organizar-se para que se atinja o objetivo comum ao grupo. Pode ser uma forma de promover a compreensão mútua e facilitar a integração dos alunos pertencentes (GOMES, 2005).

Redes sociais

“A rede social é uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres entre si, em forma de rede ou comunidade. Ela pode ser responsável pelo compartilhamento de ideias, informações e interesses” (LORENZO, 2013, p. 20 apud LEKA; GRINKRAUT, 2014, p. 2).

[...] As redes pressupõem agrupamentos, são fenômenos coletivos, sua dinâmica implica relacionamento de grupos, pessoas, organizações ou comunidades, denominados atores. Possibilitam diversos tipos de relações – de trabalho, de estudo, de amizade, entre outras –, apesar de quase sempre passarem despercebidas (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005, p. 93).

Um espaço onde o termo rede social vem crescendo nas últimas décadas é a internet, pois facilita o agrupamento de pessoas e o compartilhamento de ideias, informações e interesses. As redes sociais *on-line*, segundo Tomaél, Alcará e Chiara (2005, p. 95), são possibilitadas por:

[...] um *software* social que, com uma interface amigável, integra recursos além dos da tecnologia da informação. O uso desses recursos gera uma rede em que os membros convidam seus amigos, conhecidos, sócios, clientes, fornecedores e outras pessoas de seus contatos para participar de sua rede, desenvolvendo uma rede de contatos profissional e pessoal, que certamente terá pontos de contatos com outras redes. Enfim, são ambientes que possibilitam a formação de grupos de interesses que interagem por meio de relacionamentos comuns.

Por seu dinamismo, as redes sociais *on-line* vêm ganhando cada vez mais adeptos e são utilizadas com as mais diferentes funções:

[...] na era da informação na qual vivemos, as funções e os processos sociais organizam-se cada vez mais em torno de redes. Quer se trate das grandes empresas, do mercado financeiro, dos meios de comunicação ou das novas ONGs globais, constatamos que a organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder (CAPRA, 2002, p. 267 apud TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005, p. 94).

O mesmo acontece com a educação, que tem aproveitado da interatividade e o alcance global das redes sociais.

A princípio, a utilização das redes sociais tinha como principal foco o relacionamento entre amigos ou pessoas com interesses incomuns; no entanto, com sua notável expansão, essas redes passaram a ter um papel diferenciado na sociedade, na política, na mídia e também na educação (LEKA; GRINKRAUT, 2014, p. 2).

Algumas instituições, inclusive de Ensino Superior, têm encontrado aplicações úteis das redes sociais *on-line* para o processo de ensino e aprendizagem (LEKA; GRINKRAUT, 2014). A seguir, serão abordadas algumas funcionalidades e estratégias pedagógicas que podem ser efetivadas na educação a distância a partir do uso de redes sociais, como o Facebook.

Facebook

O Facebook é uma rede social que tem, por dia, uma média de 1,09 bilhão de usuários ativos³. Isso significa que um a cada sete habitantes do planeta acessa e utiliza essa rede social diariamente. Levando em consideração a grande quantidade de pessoas conectadas e as ferramentas disponíveis (páginas com conteúdos diversos, mensagens síncronas e assíncronas, grupos, eventos, compartilhamento de arquivos dos mais variados tipos etc.), o Facebook tornou-se um recurso pedagógico possível de ser trabalhado com vários níveis de educação, incluindo o Ensino Superior.

O Facebook tornou-se não só um canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas também um meio de oportunidades para o Ensino Superior, designadamente: é uma ferramenta popular; fácil de usar; não necessita de desenvolvimento interno ou de aquisição de *software*; é útil para alunos, professores e funcionários; permite a integração de diversos recursos [...]; fornece alternativas de acesso a diferentes serviços; permite o controle de privacidade [...]; e, acima de tudo, não a podemos ignorar (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p. 7).

O uso do Facebook na educação, segundo Mattar (2013, p. 115 apud FERREIRA et al., 2014, p. 49), “aproxima docentes e discentes, teoricamente, porque as trocas de informações pessoais estimulam a comunicação entre os dois grupos de atores e aumentam a credibilidade dos professores na visão dos alunos”. Sendo assim, pode ser uma ferramenta de interação rica, que aproveita o tempo dos alunos na internet e redes sociais para a promoção de debates, leituras e compartilhamento de informações referentes às disciplinas e/ou temas estudados. Para tanto, será destacada, a seguir, a possibilidade de trabalho com a ferramenta grupos como estratégia pedagógica possível em EAD.

Grupos

Dentre as ferramentas possíveis de serem trabalhadas no Facebook, destaca-se a criação de grupos com a finalidade de reunir num mesmo espaço virtual professor (tutor) e alunos.

Esses grupos, ao serem criados, podem assumir três configurações de visibilidade: aberto, permitindo que qualquer pessoa possa ver o grupo, seus membros e publica-

³Estatística referente ao mês de março de 2016, extraído do site da própria empresa. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

ções; fechado, permitindo que qualquer pessoa possa ver o grupo e seus membros, mas não as publicações; e secreto, permitindo que apenas membros do grupo possam vê-lo e a seu conteúdo. Para que os alunos possam fazer parte do grupo, é necessário que tenham uma relação de amizade com o professor no Facebook. Por sua vez, o professor, no momento da criação do grupo, também pode adicionar os membros que o comporão, ou deixar o grupo com visibilidade aberta por algum tempo, para que, com o grupo já criado, os próprios alunos possam solicitar a participação. E, por último, também é possível dar um nome ao grupo (AQUINO; BRITO, 2014, p. 5).

Após o grupo criado e todos os integrantes aos quais se destina fazendo parte dele, qualquer usuário pode publicar mensagens, enviar arquivos (imagens, documentos etc.), compartilhar *links* externos, além de formular enquetes. Cada uma dessas publicações pode receber curtidas de outros usuários, além de comentários que podem, ou não, receber respostas. Cada um desses comentários também pode ganhar curtidas de outros usuários. Todas essas publicações são exibidas na linha do tempo do grupo ordenadas por data, sendo que a mais recente aparece no topo. De acordo com as interações ocorrentes nas publicações (curtidas, comentários e respostas), ela se mantém no topo da linha do tempo do grupo (AQUINO; BRITO, 2014).

Como um espaço de encontro virtual entre tutor e alunos, o grupo do Facebook pode ser uma ferramenta de interação valiosa para compartilhamento de *links*, artigos e matérias de outros *sites* sobre uma temática e/ou disciplina em questão; compartilhamento de vídeos interessantes ao grupo; divulgação de páginas do Facebook com conteúdo educacional pertinente; postagem de avisos, lembretes e recados referentes às aulas; promoção de debates e discussões; realização de propostas de atividades, exercícios e tarefas complementares aos encontros presenciais; entre outros. Tudo isso, incentivando os alunos à prática da pesquisa, leitura e estudos fora dos encontros presenciais, aproveitando-se do tempo que utilizam as redes sociais.

Aprendizagem colaborativa

Uma aprendizagem colaborativa é oportunizada quando há uma postura do professor que acredita na construção do conhecimento através de interações cooperativas, autoria e coautoria por parte dos alunos.

A aprendizagem colaborativa implica deixar a responsabilidade principal da aprendizagem ao alunado, não requerendo uma significativa intervenção do professorado. O professorado converte-se em um mediador do processo de ensino-aprendizagem e, por sua vez, em um aprendiz (APARICI; ACEDO, 2010, p. 139).

Para Batista (2008, p. 103 apud APARICI; ACEDO, 2010, p. 142), “quando falamos em autoria e coautoria, estamos propondo que os sujeitos da ação educativa, inicialmente, assumam o protagonismo (ou autoria) do seu processo de ensino e aprendizagem”.

Essa produção em coautoria nos ambientes virtuais redefine, portanto, as tradicionais posições de professor e aluno. Esse aluno [...] passa agora à condição de autor da sua aprendizagem, propondo conteúdos, metodologias e dinâmicas de interação e interatividade. Sai da condição passiva de leitor, tonando-se um leitor-autor (BATISTA, 2008, p. 104 apud APARICI; ACEDO, 2010, p. 143).

Dar abertura para atividades no coletivo, então, além de ser compatível com a concepção de aprendizagem colaborativa, pelo fato de reconhecer a importância e o papel do outro, da diversidade de talentos e da coautoria, apresenta-se condizente com uma educação a distância

capaz de efetivar, de fato, a interatividade, permitindo aos alunos ultrapassar a condição de espectadores para a condição de sujeitos ativos, operativos e autores (APARICI; ACEDO, 2010).

Apresentar-se-á a seguir a utilização das ferramentas do Google Drive como proposta pedagógica de aprendizagem colaborativa possível em EAD.

Google Drive

O Google Drive funciona *on-line*, sendo necessário para sua utilização apenas acesso à internet e a um *browser*. Seus aplicativos para criação, edição e armazenamento de textos, apresentações de *slides*, planilhas, desenhos e formulários são compatíveis com as ferramentas do Microsoft Office (Word, Excel, PowerPoint) e OpenOffice.

O Google Drive é um ambiente desenvolvido pela Google com a função principal de armazenamento de arquivos em nuvens, ou seja, utilizando memória de servidores *on-line* e permitindo o acesso remoto pela internet sem a necessidade de instalação de programas ou armazenamento físico de dados. Além da criação, edição e armazenamento de textos, apresentações de *slides*, planilhas, desenhos e formulários *on-line*, são possíveis a visualização e o compartilhamento total ou parcial dos arquivos (SANTIAGO; SANTOS, 2014, p. 84).

Por todas as funcionalidades de cada uma de suas ferramentas (que serão detalhadas a seguir), o Google Drive favorece a produção colaborativa de vários tipos de materiais e conteúdos digitais, tornando-se uma estratégia pedagógica rica de aprendizagem colaborativa e coautoria que pode ser utilizada com os alunos de EAD.

Documento

A ferramenta Documento presente no Google Drive disponibiliza um ambiente para criação, edição e armazenamentos de textos.

Os textos podem ser formatados e personalizados de forma colaborativa e em tempo real, ao passo que os usuários, além de incluir comentários, têm a possibilidade de discutir suas ideias em um *chat*. Ainda é possível converter vários tipos de documentos para o formato de documento de texto; visualizar o histórico de revisões, podendo acessar qualquer uma das versões anteriores do documento; baixar os documentos para seu computador em formato Word, OpenOffice, RTF, PDF, HTML ou arquivo compactado; traduzir um documento para outra língua; e enviar os arquivos como anexos em *e-mails* (SANTIAGO; SANTOS, 2014, p. 86-87).

Sobre a opção do *chat* dentro da ferramenta, quando dois ou mais usuários acessam o arquivo simultaneamente, a ferramenta *chat* fica disponível. No entanto, o conteúdo das conversas não fica registrado para consulta em acesso posterior (SANTIAGO; SANTOS, 2014).

Planilha

A ferramenta Planilha possibilita a criação e formatação de planilhas eletrônicas e gráficos. Como todas as ferramentas do Google Drive, possibilita o trabalho simultâneo de mais de um usuário através do compartilhamento do arquivo.

Além das possibilidades de compartilhamento, coedição e interação, que são as mes-

mas dos textos, o usuário pode efetuar operações matemáticas; importar, converter e exportar arquivos dos formatos .xls, .csv, .txt e .ods; exportar arquivos PDF e HTML; e inserir planilhas ou parte delas em um *blog* ou *website* (SANTIAGO; SANTOS, 2014, p. 87).

Apresentação

A ferramenta Apresentação permite a criação, edição e importação de apresentações de *slides* que podem ser compartilhadas e, dessa forma, editadas conjuntamente, permitindo a inserção de imagens, vídeos, caixas de texto, formas, além da personalização do *layout*, tema, plano de fundo e da transição dos *slides* (SANTIAGO; SANTOS, 2014).

O aplicativo ainda “aceita que sejam importadas e convertidas para o Google Drive apresentações nos formatos .pptx e .pps e permite que elas sejam baixadas como arquivos PDF, PPT, ou .txt, além de poderem ser publicadas em *websites*” (SANTIAGO; SANTOS, 2014, p. 87).

Formulário

A ferramenta Formulário possibilita a criação de formulários que podem ser utilizados para pesquisas, utilizando-se de vários tipos de perguntas, e enviado, por meio de um *link*, aos sujeitos da pesquisa para que respondam.

[...] as respostas são armazenadas em uma planilha e, no caso de respostas fechadas, gráficos sintetizando os resultados podem ser gerados. Essa ferramenta otimiza a tabulação de dados, eliminando a contagem manual e reduzindo o tempo gasto para contabilização dos resultados (SANTIAGO; SANTOS, 2014, p. 87).

Sobre as possibilidades de perguntas que a ferramenta Formulário contém, estão “perguntas abertas [com respostas subjetivas e textuais], perguntas de múltipla escolha e de graduação que permitem a classificação de um item, por exemplo, de ruim a excelente, utilizando números predeterminados pelos elaboradores para codificar tal classificação” (SANTIAGO; SANTOS, 2014, p. 87).

Os formulários não precisam ser especificamente utilizados para pesquisa/enquetes, podendo ser criados com essa ferramenta atividades, questionários e testes sobre diversos temas que podem servir para fins avaliativos, através do armazenamento das respostas e, em alguns casos, gráficos que podem servir de subsídio para discussões com os alunos.

Vídeos

Vídeos têm sido cada vez mais utilizados como recurso pedagógico. O uso de vídeos em educação respeita as ideias de múltiplos estilos de aprendizagem e de múltiplas inteligências: muitos alunos aprendem melhor quando submetidos a estímulos visuais e sonoros, em comparação com uma educação tradicional, baseada principalmente em textos (MATTAR, 2009, p. 3).

Vídeos podem ser utilizados para enriquecer aulas, eles sintetizam conteúdos e prendem a atenção do aluno.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua for-

ça. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional (MORAN, 1995, p. 2).

Moran (1995) traz ainda algumas propostas para a utilização dos vídeos em contexto pedagógico, como o emprego do vídeo como sensibilização, servindo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade e a motivação para novos temas. O vídeo pode ser utilizado como ilustração, servindo para exemplificar o que foi discutido em sala, trazendo realidades distantes ou ainda situando os alunos num determinado contexto (MORAN, 1995).

Segundo Moran (1995, p. 3), o vídeo pode servir também como simulação, “é uma ilustração mais sofisticada. [...] Pode simular experiências [...] que seriam perigosas [...] ou que exigiriam muito tempo e recursos”. O vídeo pode ser empregado em sala de aula como conteúdo de ensino “de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares” (MORAN, 1995, p. 3).

Outra proposta de utilização dos vídeos feita por Moran (1995) é o vídeo como produção, em que, orientado pelo professor, os alunos podem produzir seu próprio material, como documentação (registro), intervenção (modificando algum material existente) ou expressão (de forma criativa e lúdica). Para Moran (1995), o vídeo pode ser usado ainda como avaliação dos alunos, do professor ou de todo o processo.

Como visto, são muitos os empregos que podem ser dados aos vídeos no contexto da sala de aula. Na educação a distância, o professor/tutor pode utilizar-se de vídeos em encontros presenciais, indicá-los para serem assistidos nos momentos entre os encontros ou, ainda, propor atividades em que os alunos são convidados a produzir material.

Mais alguns exemplos do uso dos vídeos em EAD serão relatados a seguir, com a descrição e as funcionalidades da ferramenta Youtube.

Youtube

Uma ferramenta útil para a utilização de vídeos em sala de aula é o Youtube. Lançado em maio de 2005 e adquirido pouco tempo depois pela empresa Google, trata-se de um domínio onde é possível assistir e publicar vídeos sobre os mais variados temas e assuntos⁴.

No Youtube é possível se inscrever em canais voltados a temas de interesse, como educacionais, por exemplo, efetuar buscas, fazer comentários nos vídeos e compartilhá-los nas mais diferentes plataformas (*blog*, Facebook, Twitter etc.). Os vídeos podem também ser incorporados em *sites* através de um código HTML⁵ disponibilizado ao usuário e enviado por *e-mail*, diretamente da página do Youtube (MATTAR, 2009). O *site* ainda conta com os botões gostei e não gostei abaixo dos vídeos, podendo os usuários registrarem a sua impressão.

Além das estratégias pedagógicas propostas anteriormente envolvendo vídeos, o Youtube conta com canais específicos de conteúdo educacional que podem ser indicados aos alunos como ferramenta de pesquisa e autoestudo.

No Youtube é possível construir ambientes pessoais de aprendizagem com favoritos,

⁴Extraído do *site* oficial do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>>. Acesso em: 1 maio 2016.

⁵Abreviação para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto. É uma linguagem de programação utilizada na construção de páginas na *web*.

listas de reprodução, inscrições, amigos etc. Nesse sentido, pode-se pensar em dois tipos de interação distintos: uma interação básica, já que o usuário pode parar e voltar o vídeo quando quiser, e uma interatividade mais ampla, que pode ser construída por *playlists* (listas de reprodução) e *links* que permitem que o usuário pule de um vídeo para outro, além do recurso de comentários disponível no Youtube (MATTAR, 2009, p. 5).

Nesse sentido, os alunos podem construir seus próprios ambientes pessoais de aprendizagem no Youtube, montando listas com vídeos de interesse ou se inscrevendo em canais. Esses vídeos podem ser assistidos de acordo com o tempo e organização do aluno. Os alunos podem ainda carregar produções próprias, a fim de divulgar trabalhos e atividades realizados durante o curso. Tudo isso torna o Youtube uma ferramenta pedagógica útil em EAD.

Considerações finais

Observou-se que a EAD é uma modalidade de ensino em que a maior parte da interação ocorre por meio das TICs. Por esse motivo requer profissionais preparados para lidar com as tecnologias e capazes de manter os alunos motivados e disciplinados em seu autoestudo, mesmo não estando em contato presencial com eles. A esses profissionais ou tutores cabe a tarefa de mediar todo o processo de ensino e aprendizagem, visando que o aluno alcance o êxito em seus estudos.

Para tanto, apresentaram-se algumas estratégias pedagógicas possíveis de serem trabalhadas em EAD e que transcendem as dinâmicas preestabelecidas para os encontros presenciais do curso. Através dessas estratégias, pôde-se constatar que existem inúmeras formas de utilizar-se das TICs como ferramentas pedagógicas, objetivando não apenas a aprendizagem dos alunos, mas sua busca autônoma pelo conhecimento, alcançando assim as expectativas da EAD.

Cabe ao tutor fazer uso dessas estratégias em seu planejamento, sempre com objetivos claros e definidos em relação aos seus alunos e ao processo de ensino e aprendizagem. Todas essas sugestões de trabalhos envolvendo as TICs surgem na perspectiva de ampliar a interação entre tutor e alunos, melhorando sua relação interpessoal, algo que se constatou importante para a não evasão de quem estuda à distância.

A título de continuação da presente pesquisa, pretende-se escrever artigos com relatos de experiência de alguns trabalhos efetuados com turmas de graduação em Pedagogia, modalidade EAD, utilizando-se das estratégias pedagógicas exemplificadas aqui, uma vez que já se vem adotando o conceito de aprendizagem colaborativa, realizando alguns trabalhos de coautoria com o Google Drive e empregando como ferramenta de interação com os alunos as redes sociais.

Referências

ABED – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo ead.br**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. São Paulo: 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/censoead2014/CensoEAD2014_portugues.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

ALVARENGA, G. M.; ARAUJO, Z. R. **Portfólio**: conceitos básicos e indicações para utilização. 2006. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1281/1281.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

APARICI, Roberto; ACEDO, Sara Osuma. Aprendizagem colaborativa e ensino virtual: uma experiência no dia a dia de uma universidade a distância. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (orgs.). **Educação on-line**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

AQUINO, Alex; BRITO, Alisson. **Estudo da viabilidade do uso do Facebook para educação**. 2014. Disponível em: <http://www.imago.ufpr.br/csbc2012/anais_csbc/eventos/wei/artigos/Estudo%20da%20Viabilidade%20do%20Uso%20do%20Facebook%20para%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 1 maio 2016.

BEZERRA, Mayam de Andrade; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. Tutoria: concepções e práticas na educação a distância. In: SOUSA, R. P., MIOTA, F. M. C. S. C.; CARVALHO, A. B. G. (orgs.). **Tecnologias digitais na educação [on-line]**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/6pdy/pdf/sousa-9788578791247.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

BRASIL. **Referenciais de qualidade para educação superior a distância**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Decreto Federal nº. 5.622, de 20.12.2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 15 abr. 2016.

FERREIRA, Giselle Martins dos Santos et al. **Facebook e recursos educacionais abertos na formação de pesquisadores em educação**: percepções e reflexões. 2014. Disponível em: <<http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/380/198>>. Acesso em: 1 maio 2016.

GOMES, M. J. *Blogs*: um recurso e uma estratégia pedagógica. In: MENDES, António; PEREIRA, Isabel; COSTA, Rogério (orgs.). **Actas do VII Simpósio Internacional de Informática educativa**. Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria, 2005. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

LEKA, Aline Regis; GRINKRAUT, Melanie Lerner. **A utilização das redes sociais na Educação Superior**. 2014. Disponível em: <http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_7/aline.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos. (orgs.). **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2010.

_____. **Youtube na educação**: o uso de vídeos em EAD. 2009. Disponível em: <<http://www.joaomattar.com/YouTube%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20o%20uso%20de%20v%C3%ADdeos%20em%20EaD.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2016.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. Comunicação e educação. São Paulo, v. 1, n. 2,

p. 27-35, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://extensao.fecap.br/artigoteca/Art_015.pdf>. Acesso em: 1 maio 2016.

PATRÍCIO, Maria Raquel Vaz; GONÇALVES, Vitor Manuel Barrigão. **Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior**. I Conference Learning and Teaching in Higher Education: Universidade de Évora. Bragança, Portugal. 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

SANTIAGO, Maria Elizabete Villela; SANTOS, Renata dos. **Google Drive como ferramenta de produção de textos em aulas de inglês instrumental**. Revista Intercâmbio, v. XXIX: 83-107, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/viewFile/20961/15433>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa - a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. Setembro, 2001. Disponível em: <<http://migre.me/u7Hx9>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

SILVEIRA, C. A. B. **Mediação pedagógica e educação a distância: as competências do tutor e a motivação para aprendizagem**. Florianópolis: UNIREDE, 2014.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana R.; CHIARA, Ivone Guerreiro di. **Das redes sociais à inovação**. Ci. Inf., v. 34, n. 2, maio/ago. 2005, p. 93-104. Brasília. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2016.1959.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
